

Não é o que fez na guerra em Moçambique, ou sequer o que viu fazer, o que perturba violentamente os sonhos de José Andrade. Diz que é apenas o que se passou a seguir, o não conseguir perdoar o "abandono total" dos seus soldados no processo de descolonização.

Depostas as armas, nunca mais soube deles. Branco, natural de Moçambique, 41 anos, José Andrade foi para a tropa aos 19 e ofereceu-se a seguir como voluntário para os Grupos Especiais, uma tropa de pára-quedistas de elite que recrutava voluntários indígenas. Como furriel, em frequentes e demoradas operações na província norte de Niassa, tinha a seu cargo 64 negros. A preparação militar, que demorava quase um ano, era feita no Dondo, perto da cidade da Beira, e depois cada um era distribuído pela sua própria região. Combatiam por Portugal contra a Frelimo, no mesmo sítio onde tinham crescido.

"O meu trauma não vem de cometer horrores. Nós éramos tropas especiais, o nosso trabalho era fazer a guerra", repete várias vezes. Nada, enfim, do que se passou com outros que, embarcados em Lisboa, "foram empurrados para uma guerra que não era a deles".

Mantém a mesma figura magra e a mesma barba de quando

combatia na fase mais acesa da guerra — o seu final. Quando a reviravolta política se dá em Portu-

gal, a 25 de Abril de 1974, e começa a tomar forma a consequente independência da África sob domínio português, começa a ver que os seus homens vão ficar em maus lençóis. "Não sou contra a descolonização, nem contra a independência de Moçambique", afirma, mas pensa que Portugal os deixou completamente à mercê das repre-



sálias. "As vidas não foram poupadas, salvaguardadas, daqueles com quem fui unha com carne, que eu treinei!"

"Tem que haver culpados, tem que haver culpados", continua. "O meu problema é não se conseguir encontrar culpados e pôr-lhes a corda à volta do pescoço..." Neste inquieto ódio, passou as últimas duas dezenas de anos, 20 anos de "insónias, pesadelos, em guerra permanente com as pessoas que me rodeavam."

A verdadeira guerra nas matas de Moçambique, reconhece, teve momentos de grande crueldade. José Andrade estava em operações quando se deu o massacre de Wiriyamu a 16 de Dezembro de 1972, na província noroeste do Tete, em que a 6 companhia de Comandos chacinou cruelmente centenas de camponeses — velhos, mulheres e crianças. Mas com os seus homens, defende, "nunca se cometeram excessos dessa natureza." Não com populações civis, "apenas com o inimigo", isto é, "não se fazia a guerra contra o preto, contra o africano, só contra o inimigo."

Casou em 1974, ainda em Moçambique — viveu até 1973 em Maputo, a antiga Lourenço Mar-

JOSÉ ANDRADE

VOLUNTÁRIO EM MOÇAMBIQUE

"O NOSSO TRABALHO ERA FAZER A GUERRA"

ques, como escriturário num banco — e tem uma filha quase a completar o ensino secundário. Com ela passa, por vezes, difíceis situações na sala do televisor. José Andrade sofre de um dos problemas comuns aos ex-combatentes, a aversão aos filmes de guerra, que lhe recordam situações que ele próprio viveu, em especial a extensa lista de películas e séries norte-americanas sobre o Vietname. Faz a distinção entre os filmes "teatrais" (como "os Rambos") e os "realistas". Recentemente deu por ele a chorar na sala, ao lado da filha, ao assistir ao "Desaparecido em Combate", com Chuck Norris. A história do antigo soldado que, por iniciativa própria, regressa ao Vietname passados 20 anos, para resgatar antigos companheiros de armas que continuam presos e esquecidos. A filha pediu-lhe para não ver, para sair do preto, mas ele manteve-se. "São vejo filmes realistas de guerra. Embora saiba que, para dormir,

em vez de um comprimido tomo dois ou três e que no outro dia ando todo a abanar."

Saltou de consulta em consulta de psiquiatria, até que, há dois anos, entrou no programa do Hospital Júlio de Matos para doentes que sofrem de distúrbio pós-traumático do "stress" de guerra. Conseguiu também aquilo por que ansiava há muito. Ponderados os pareceres médicos, o banco decidiu dar-lhe a reforma por invalidez. Não está empregado vai para 12 meses e dedica-se ao seu "hobby" de reparação de carros antigos.

Sentiu um "alívio", no meio das dificuldades de convívio com a mulher e com os colegas e chefes de trabalho. O próprio tratamento no Júlio de Matos, diz, não produziu nele os efeitos satisfatórios que viu nos outros. Tem, aliás, alguns problemas, ao afirmar que o seu caso era diferente, que nada tinha a ver com os actos que praticou. Mas é pela oficialização como

doença do "stress" de guerra. Basta-lhe lembrar o que vê à sua volta: "Eu faço uma vida quase normal, mas sei de colegas meus que não o conseguem. Que não conseguem sequer ir a Lisboa sem ser acompanhados pelos pais."

Tem várias ideias que se fixaram em permanência na ansiedade: "Quem quiser estar ao pé de mim não pode ser por pena", afirma convicto José Andrade: "Tem que me compreender como eu sou." E sugere estar disposto a ir até às últimas consequências, até ao suicídio: "Se for por pena, sei como resolver. Desapareço. Ponho esta hipótese muitas vezes. É uma certeza que me acompanha."

Esta "certeza" tem um por menor ambíguo e inquietante: a possibilidade de "não morrer sozinho", num último gesto final que ponha fim ao seu mais frequente pesadelo. Deita-se e vê a cara de todos os 64 homens que comandou, as faces nítidas e as mãos estendidas, a pedir-lhe um socorro desesperado. "Acho que os responsáveis devem ser julgados. Não pelo juízo final mas pelo juízo terreno." Que pensa então fazer? "Não está nas minhas mãos, mas dou o meu contributo. É um contributo." ●